



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

A VIDA NOS SANTUÁRIOS

Já passaram os dias da Primavera, lindos e suavemente tépidos, banhados de luz esplendida, cheios de vida e de encanto, e os dias grandes do Estio, por vezes ainda mais movimentados, sempre quentes e abraçadores, quasi equatoriais.

Sobre a charneca, árida e escaldada, da serra de Aire, de paisagem uniforme e monótona, sobre os seus montes e vales em que mal se enxerga, brotando dos interstícios das rochas, uma vegetação pobre e raquítica, caem, como uma bênção do Céu, as primeiras chuvas fecundantes do Outono. Cessou por completo o movimento rumoroso e profundamente impressionante das grandiosas romagens dos meses das aparições.

Decerto não se desvaneceram ainda os ecos maviosíssimos das formidáveis e empolgantes manifestações de Fé e piedade da quadra estival. Pairam vagamente no espaço sons de vozes celestiais. O ambiente está impregnado do revérbero das luzes das procissões nocturnas, das harmonias suavíssimas do órgão e dos cânticos sagrados e dos aromas das flores ofertadas como preito de amor a Jesus-Hóstia e à Virgem bendita. A Lourdes portuguesa tem as características da sua gloriosa irmã de Além-Pyrineus, oferecendo um encanto particular e sempre atraente, mesmo durante a estação invernososa.

No local privilegiado, que a Rainha dos Anjos santificou com a sua augusta presença, a alma do peregrino arrebatada num êxtase perene, pela contemplação dos mistérios adoráveis que ali se desenrolaram, sente-se, no silêncio e na solidão do ermo, mais longe da terra e mais perto de Deus.

Dir-se-ia que os eflúvios sobrenaturais, que perpassam na atmosfera espiritual da Cova da Iria e se adensam na capela das aparições, descem então das alturas, em torrentes misteriosas, mais abundantes e mais intensos do que nunca. São estes os dias mais propícios ao recolhimento do espírito mais próprios para a oração devota e fervorosa. A prece, que nenhum ruído distrai, saindo do coração e desprendendo-se dos lábios, no meio da paz tranquila que domina no recinto sagrado, reveste o caracter dum colloquio íntimo com o divino Prisioneiro do Sacrário ou com a divina Mãe e evola-se para as alturas, suave e serena, como o fumo perfumado do incenso a arder sobre as brasas fumegantes dum turbidulo.

Quantas pessoas atraídas pelo polo magnético espiritual de Fátima durante os longos meses do Outono e do Inverno, para lá se dirigem em espírito, como tantas vezes o faz, exultando de júbilo, Lúcia de Jesus, a mística vidente, do fundo do seu querido convento da Galiza! E cousa admirável! Quando rezamos na Cova da Iria, diante da Imagem da Virgem ou aos pés do Rei de Amor, escondido sob os véus eucarísticos na prisão voluntária do Tabernáculo dentro da Penitenciaria dos homens, parece que nos rodeia por todos

os lados e enche aquela estância de milagre uma multidão de almas ainda mais numerosa do que a dos dias grandes e inolvidáveis da Primavera e do Verão. De dia e de noite, a cada hora e a cada momento, o silêncio que reina em volta do trono de Maria é atravessado por milhares de mensagens de almas que amam e de almas que sofrem, mensagens que vão ferir o coração maternal da Virgem omnipotente e misericordiosa. É o peregrino isolado, de mãos postas e de joelhos no solo bemdido daquêle admirável cantinho do Céu, une-se de alma e coração a essa súplica colectiva que, por ser silenciosa e insensível, nem por isso é feita com menos piedade, nem repassada de menos unção e fervor.

to Sacrificio, a multidão, que pouco a pouco fôra engrossando, atingia a cifra de alguns milhares de pessoas. Durante a missa, recitou-se o terço do Rosário e cantaram-se alguns cânticos apropriados. As comunhões foram em número de alguns milhares, tendo estado vários sacerdotes tôda a manhã a preparar os penitentes para se aproximarem da mesa eucarística, ouvindo-os de confissão. Os doentes ocupavam pouco mais de metade do pavilhão que lhes é destinado. Após a missa, fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento e deu-se a bênção com a custódia, primeiro a cada um dos doentes em particular e em seguida, depois de cantado o *Tantum ergo*, conjuntamente a todos os fiéis. Por fim organizou-se de novo o cortejo

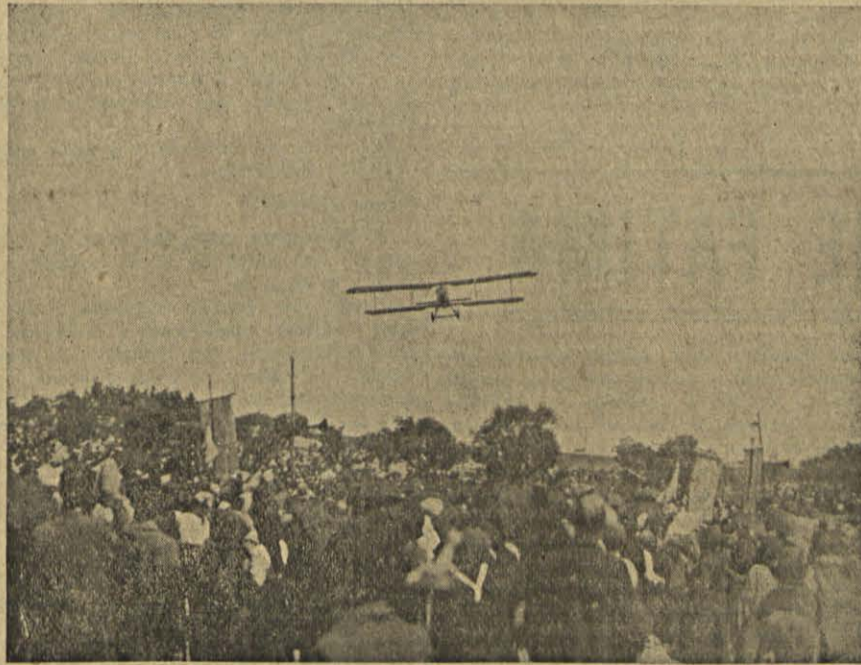
temente publicado na língua de Goethe e de Schiller. O assunto que versa são, como o próprio título indica, os acontecimentos maravilhosos que ha doze anos se veem desenrolando no recinto histórico da Cova da Iria. É seu autor o rev. do dr. Luís Fisher lente da Universidade de Bamberg, na Baviera, que no mês de Maio último veio expressamente a Portugal para assistir às manifestações colectivas de Fé e piedade que se realizaram no dia treze no local das aparições. As impressões inolvidáveis que o sábio e piedoso sacerdote levou da sua visita ao local privilegiado pela Rainha do Céu e que elle sintetizou nesta frase sugestiva e profundamente verdadeira — «não ha nada sobre a terra que se possa comparar com esse espectáculo», — são já conhecidas dos leitores da «Voz da Fátima». O illustre professor, nas cento e trinta e duas páginas do seu livro, que abre com uma poesia em honra da Santíssima Virgem, à qual se segue um breve prefácio, faz conscienciosamente a história dos sucessos assombrosos de Fátima, aproveitando elementos fornecidos pela colecção da «Voz da Fátima» e pela obra «As grandes maravilhas de Fátima», e descreve com summa justeza e intenso brilho literário os episódios comoventes de que foi testemunha na noite de doze e no dia treze de Maio.

O livro está dividido em doze capítulos respectivamente subordinados às seguintes epígrafes: «Coincências providenciais», «A caminho de Fátima», «Na Cova da Iria», «Aos pés da divina Mãe», «Um passeio na cidade de Maria», «Junto dos queridos doentinhos», «Noite luminosa», «Misereor super turbam», «Se todos choram...», «Mysterium fidei», «Pega no teu leito e vai-te embora», «Feliz regresso».

Após o último capítulo, o livro insere a letra e a música, de alguns cânticos e os estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, instituída por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, illustre e venerando Bispo de Leiria.

No texto estão intercaladas diversas gravuras em papel especial, duma nitidez e perfeição inexcedíveis, representando algumas das scenas mais empolgantes e mais comoventes do dia treze. A capa, verdadeiro mimo de arte, reproduz o espectáculo incomparável da procissão do adeus, vendo-se no primeiro plano os estandartes das peregrinações, ao fundo os edificios do Santuário e, dominando todo o conjunto, a Imagem radiosa e encantadora da Virgem do Rosário transportada aos hombros dos servitas.

Na terceira estampa o autor do livro, revestido de batina e sobrepeliz, está ao lado direito do sacerdote que nesse dia presidiu á procissão e que caminha à frente do andor. No meio, a um dos braços, do andor, vê-se o vulto distinto e simpático do grande poeta Afonso Lopes Vieira, à esquerda do oficiante o rev. do Nunes



13 de Maio de 1929. Ao iniciar-se a procissão, as asas de Portugal veem saudar também a Virgem, quasi roçando a multidão

As cerimónias religiosas oficiais

Pouco antes do meio-dia solar, realizou-se a primeira procissão, em que a Imagem da Virgem foi conduzida da capela das aparições para a capela das missas por entre alas compactas de povo. Colocada a sagrada estátua sobre o seu pedestal ao lado direito do altar-mor, principiou a missa solene, depois de recitado o *Credo* pelo clero e por tôda a multidão que rodeava o pavilhão dos doentes. O tempo, agreste e chuvoso, obstou a que os peregrinos fôsem tão numerosos como em igual dia do ano anterior. Contudo, precisamente à hora em que começou o San-

to conduziu a branca estátua da Virgem do Rosário da capela das missas para a capela das aparições. E os peregrinos, tendo-se despedido saudosos da Rainha do Céu e tendo rezado as últimas preces na capela das aparições, retiraram-se para as suas terras, levando consigo uma recordação imperecível das horas incomparáveis que lhes foi dado passar naquele trecho da serra povoado de mistérios, de graças e de prodígios.

Fátima, a Lourdes Portuguesa

Tal é o título, sobremaneira eloquente e significativo, dum magnífico livro recen-

Ferreira, zeloso pároco da freguesia de S. Pedro de Tôres Novas e dedicado assistente eclesiástico do grupo de servitas daquela vila, e por trás deste a elegante e gigantesca figura do dr. Carlos Mendes, o benemérito e incansável provedor da Misericórdia torrejana.

Desta primeira edição do livro «Fátima, a Lourdes portuguesa», que veio enriquecer com mais um valioso subsídio a já vasta bibliografia fatimita, fez-se uma tiragem de dez mil exemplares.

Fátima na Itália

Os alunos do benemérito Colégio Português em Roma, fundado pela munificência de Sua Santidade o Papa Leão XIII, de saudosa memória, graças à dedicada e generosa coadjuvação do falecido Visconde de S. João da Pesqueira, e hoje dirigido pelo ilustrado, piedoso e activo Monsenhor Porfírio Mendes da Silva Cordeiro, que sucedeu no cargo de reitor ao venerando Monsenhor Tiago Sinibaldi, passaram as férias grandes do último ano lectivo na cidade episcopal de Orte, que fica situada a poucas léguas de Roma, em pleno coração da Umbria. Não quiseram esses nossos estimáveis compatriotas, que tanto se assinalam pela sua acrisolada devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima e que tanto tem trabalhado em prol da difusão do seu culto na pátria do Dante e de Miguel Angelo, deixar passar o dia treze de Outubro findo sem fazerem, na medida das suas posses, uma condigna comemoração do duodécimo aniversário da sexta e última aparição de Nossa Senhora do Rosário aos inocentes pastorinhos de Aljustrel. Dessa festa, tão singela como encantadora, a que imprimiu particular realce a palavra cheia de sciencia e de unção do zelozíssimo director espiritual, rev. do Luís Gonzaga da Fonseca, S. J., e que foi visivelmente coroada pelas bênçãos do Céu, dá-nos uma justa ideia o trecho duma carta do distinto aluno do Colégio, Joaquim Carreira, para o director espiritual do Seminário Episcopal de Leiria, rev. do Arnaldo de Magalhães, que obsequiosamente permitiu a sua reprodução nas colunas da «Voz da Fátima». Esse trecho, que denuncia uma pena transbordante de mocidade e de imaginação, é do teor seguinte:

«Não julgue, Sr. P. e Magalhães, que o dia treze de Outubro foi um dia de festa só para Portugal ou só para os portugueses; também nós participámos e fizemos participar os outros, quanto pudemos, das alegrias da nossa pátria. Cá fizemos, pois, uma festinha na nossa capela da Senhora das Graças, em Orte, comemorando assim o décimo segundo aniversário da última aparição de Nossa Senhora em Fátima. O Vigário Geral, não só nos deu licença de fazer a festa, mas até nos aconselhou a arranjar uns programas e afixá-los na cidade para chamar o povo. A notícia da

festa lá se espalhou por toda a parte, apesar de só se ter feito um programa, que foi afixado a uma das portas da Catedral.

As seis e sete horas da manhã missas rezadas, e comunhão geral à missa das sete, que foi celebrada pelo Rev.º Sr. P. e Fonseca. Além dos alunos, dos creados e das religiosas que estão conosco, comunicaram umas quinze pessoas de fóra, — o que representa muito neste meio de Orte, onde a instrução religiosa é quasi nula. Foi com grande prazer, que vimos aproximar-se nesse dia do confessorário e da mesa Eucarística a uma velhota, nossa vizinha, que não punha os pés na igreja ha uma porção de anos. Uma graça de N. Senhora de Fátima? Assim o cremos. Durante a missa e à comunhão cantaram-se alguns versos em honra do S.S. Sacramento e de Nossa Senhora. Cá o nosso bom «Pedro» teve a amabilidade de nos fazer uma tradução ou adaptação dos versos de Fátima para italiano, que cantámos durante a missa e à noite no fim do terço e da bênção. Aí lhe envio uma cópia, que o meu amigo fará circular. Apesar de serem feitos um pouco à perssa, creio que não envergonham o autor.

As nove horas houve missa cantada. O celebrante foi o Sr. Vice-Reitor. Serviu de diácono o Rev. do P. Sebastião, do Porto; e de sub-diácono o nosso caro Venâncio, que nesse dia exerceu a ordem pela primeira vez.

Tanto a missa cantada, como a da comunidade pela manhã, foi a da Senhora do Rosário (tal qual como em Fátima), para o que obtivemos licença da Congregação.

As quatro horas da tarde — Vésperas solenes (as de Nossa Senhora também). Depois prática pelo Sr. P. e Fonseca, que descreveu em breves traços as aparições de Fátima, explicando também as razões da festa, e terminou recomendando aos ouvintes a recitação do terço, aduzindo várias razões, que temos, para o rezar com fervor todos os dias.

Passados três ou quatro dias, dizia-me uma mulherzinha que era capaz de me repetir toda aquela prática!... O que mostra que a tinha ouvido com atenção. Depois da prática rezou-se o terço e deu-se a bênção com o Santíssimo terminando a função com o canto dos versos de Fátima em italiano.

Distribuímos nessa ocasião cerca de cem estampas de Nossa Senhora de Fátima (daquelas que trazem a novena). E' pena que tudo aquilo fosse em português. Em todo o caso, não se perderá tudo, porque ao menos lá hão-de ficar com a lembrança.

Uma festa, como vê, muitíssimo simples, mas que decorreu muito bem e que nos fez viver uns momentos daquele dia na abençoada Cova da Iria. E, para que nada faltasse, até houve jantar de festa!»

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Laurinda das Dôres Oliveira, de Setúbal, no seu relatório de 13 de outubro do corrente ano, diz:

«Prometendo à Santíssima Virgem do Rosário de Fátima a publicação duma graça obtida por sua intercessão, rogo a caridade de a mesma ter acolhimento na Voz da Fátima:

Sofrendo há 7 anos, conforme atestado médico, de uma intercolite rebelde, com perturbações renais e que me impossibilitava por completo de trabalhar e de digerir qualquer refeição, motivo que me levou a um grande estado de fraqueza, encontrava-me já completamente desanimada e com a certeza da incurabilidade da mesma.

Era grande o abatimento físico e dia a dia maior o definimento que originava apreensões o meu estado e consideraram-me uma tuberculosa em grande progresso, e depois ainda o péssimo funcionamento dos rins e todos os demais órgãos de que depende a vida humana.

A sciencia médica recorri desde o seu início, e todos os tratamentos me foram applicados, sem resultados alguns, e quando previa que o fim desta vida não tardaria a chegar, e já desenganada mesmo pelos próprios médicos, lembrei-me que a única salvação seria a sciencia do céu e recorri então, cheia de fé sincera e com esperança de melhores dias à Virgem Santíssima de Fátima, mãe de clemência e âncora dos enfermos.

Iniciei então uma novena que era fei-

ta em comum, com outras pessoas que acompanhavam a minha doença e me auxiliavam, tomando também a bem dita água de Fátima e comecei notando uns alívios, embora diminutos.

Abandonei os medicamentos para só me preocupar com a minha mãe do céu, e mantendo o mesmo espirito de confiança, tornei a fazer segunda novena e vi então que os alívios mais se acentuavam. Para o restabelecimento completo, propuz então visitar o lugar sagrado, onde a Virgem appareceu aos humildes pastorinhos e rogar-lhe o que os homens não poderiam dar e que é a saúde, agradecendo-lhe também o que já tivera feito em meu benefício.

O que se operou então em mim é indiscritível e só Deus e a Virgem o sabem. As forças voltaram, o físico transformou-se o próprio médico que me tratara achava tão extraordinária a melhora que disse que só um milagre a teria operado. E assim foi. Nossa Senhora tinha operado mais um milagre e para ser conhecido por todos os corações que a amam, recorri a este jornal onde se registam tantas e tão grandes benemerências que esta boa mãe dispensa à humanidade sofredora».

Artrite bacilosa

Maria da Piedade Silva Rijo, em carta de Paialvo em 29 de Setembro, diz:

Cheia do maior contentamento e da mais íntima satisfação venho por este meio tornar pública uma grande graça

que a Virgem Santíssima me concedeu, não tendo palavras que prossam traduzir a minha gratidão: Adoeci há quatro anos com uma dor na perna direita e sete meses depois uma artrite bacilosa me prostrou, obrigando-me, durante três anos e meio, a conservar-me de cama, sempre de costas de dia e de noite, só me sentando com o auxílio de outras pessoas. E impossível descrever o meu martírio durante esse tempo, não tendo outras posições em tantas longas noites e dias consecutivos.

O pé e a perna não tinham mobilidade e estiveram com um aparelho de gesso durante seis meses e em suspensão continua um ano e oito dias. O restante tempo sempre com uma goteira e todas as vezes que era preciso algum tratamento, retirava aquele aparelho o pé tombava sem acção alguma. Sujeitei-me a tratamento três meses em Parede e sete meses em Lisboa aos cuidados do Ex.º Sr. Dr. Carlos Carvalho Dias e ultimamente aos do Ex.º Sr. Dr. Francisco Fagulha, desta localidade, que com todo o interesse e disvelos exgotaram todos os meios da sciencia do seu alcance. O meu estado de fraqueza, cada vez maior, inspirava cuidados e os pulmões começavam a ressentir-se. Perdidas as esperanças por completo na medicina, acalentava-me só a esperança da Fátima. Mas este desejo representava para mim o impossível, um sonho, por dificuldades materiais e de transportes difíceis para o meu estado de saúde.

Até que em 13 de Agosto p. p. um grupo de pessoas amigas dispôs tudo para que eu fosse a Fátima, tendo feito antes uma Novena a Nossa Senhora. Na manhã desse dia 13, com muitas dificuldades e imensas dores, fui colocada a braços num automovel que me transportou a Fátima, sofrendo bastantes dores pelo caminho. No pavilhão dos doentes, onde as servitas me assistiram com todos os carinhos, fui acometida de um grande mau estar com enormes dores, mas quando saí do Hospital, para o carro e no trajecto para minha casa notei com alegria que as dores tinham desaparecido... até hoje. A meu pedido, como sentia a perna aliviada e na primeira noite tivesse já descansado de lado, com o que me julguei bastante feliz, o médico tirou o aparelho três dias depois, ficando deveras surpreendido com as melhoras.

Sete dias depois comecei a andar com muletas e hoje desloco-me com relativa facilidade, fazendo serviços e arranjos em casa, que pensei nunca mais ter essa felicidade. Repeti a minha visita a Fátima em 13 de Outubro corrente em acção de graças, e já hoje assento o pé no chão e firmo-me nele fazendo pouca firmeza nas muléas. Tenho fé que num futuro próximo venha a prescindir delas. Com efeito, o meu júbilo é imenso por tão grande milagre operado por intermedio de Nossa Senhora.

Milhares de louvores e graças pois, à Virgem Santíssima.»

Ptose visceral

P.º Domingos José dos Reis, de Válega (Ovar), em carta de 14 de novembro, informa o seguinte:

«Além das pessoas curadas, e outras, que sentem consideráveis melhoras de seus sofrimentos, por ocasião da peregrinação de Agosto próximo passado, peço que seja registada e publicada mais uma, Maria de Matos, como consta do atestado junto.

Louvores a Maria!

De V. Rev.ª etc...»

ATESTADO

«António de Abreu Freire, médico pela Universidade de Coimbra e facultativo municipal do Concelho de Estarreja.

—Declaro que Albina de Matos, solteira, lavradora, de 38 anos de idade, natural da Rua Nova de Avanca, concelho de Estarreja, sofria duma ptose visceral generalizada que há alguns anos a fazia passar uma vida de martírio. Há um ano, porém, a esta parte, os seus padecimentos agravaram-se a ponto de não poder entregar-se ás suas occupações habituais e por isso decidiu-se, a meu conselho, a fazer o exame radiológico do aparelho digestivo, o que confirmou plenamente o diagnóstico. Começou desde então a usar uma cinta elástica adequada, que modificou o seu estado para melhor, e dentro em pouco não podia andar sem ela.

Em 13 de agosto último foi a Fátima aonde assistiu a todas as cerimónias religiosas, e, coisa singular, já aí se sentiu mais aliviada, tendo nos dias seguintes posto a cinta definitivamente de lado por a não poder suportar, não tornando a poder usá-la desde essa data.

Aconselhei-a a que fosse fazer novo exa-

me radiológico, em face da transformação operada, pois tinha empenho em comparar as duas radiografias, mas a ex-donente recusou-se a fazê-lo dizendo que se sentia bem, que estava curada e não se sentia disposta a gastar mais dinheiro. O que fica exposto e a pedido da referida Albina de Matos, é a expressão da verdade, o que afirmo sob a minha palavra de honra.

Avanca, 9 de novembro de 1929.

(a) António de Abreu Freire».

Alucinações psico-motoras

Clementina Pinto da Silva, de Chave de Arouca, em carta de 21 de agosto último, diz o seguinte, que é confirmado com a assinatura do Rev. Pároco, Joaquim de Pinho Brandão:

«Permita-me V.ª Ex.ª que nessa folha, registadora de tantas graças da Virgem aos devotos que A invocam por intermedio do Santuário de Fátima, eu manifeste o meu acto de agradecimento pelas sensíveis melhoras que alcancei ao regressar desse Santuário, em 13 de Maio de 1928, pois para lá me dirigi na ânsia de suplicar alívios que a medicina me não dava.

Descrever o que foi a minha enfermidade não está no meu ânimo, simplesmente direi que sofria de frequentes insónias e alucinações psico-motoras, vivendo tão martirizada que tive a desditosa ideia do suicídio!

Depois de tanto sofrer, volvi confiante os meus olhos para a Virgem, a Salus Infirmorum, que milhares de portugueses veneram em Fátima e ao côro dos supplicantes juntei a minha pobre oração, destinando o dia 13 de Maio de 1928 para a minha visita ao Santuário de Fátima.

Felizmente consegui o meu desideratum aos pés da Virgem ajoelhei, implorando alívios para tão torturante enfermidade. Fátima foi o meu melhor Santuário, pois ao regressar ao lar de meus pais pude experimentar tão sensíveis melhoras que, sem acusar aquela depressão mental e física, reconheci os efeitos duma grande graça que a misericórdia divina me havia concedido por intercessão da SS. Virgem.

Por isso ao dever duma piedosa acção de graças juntei a resolução de registar neste jornalzinho o reconhecimento da minha alma que jámais poderá esquecer tão preciosa graça.»

Dor intestinal

Maria Augusta Ferreira, do Porto (Rua da Constituição n.º 112) relata o seguinte, em carta de 10 de Junho:

«Para honra e glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, desejo tornar conhecida uma graça que Nossa Senhora me concedeu para o que peço a V. Rev.ª a publique neste jornalzinho.

Nossa Senhora livrou-me duma grande dor que tinha no intestino, da qual sofria há 7 anos, aconselhando-me os médicos a uma operação.

A 13 de Agosto do ano passado fui a Fátima e aos pés de Nossa Senhora pedi com toda a devoção para me tirar este sofrimento. Regressei sem resultado, mas nem porisso perdi a fé, continuei a orar e pedir e em Novembro do mesmo ano prometi a Nossa Senhora do Rosário da Fátima que se me concedesse a graça de me melhorar andaria de porta em porta a pedir uma esmola para ir lá agradecer-lhe. Fui atendida e desde então acho-me curada. E' da alma e do coração que vou no próximo dia 13 de Julho agradecer a Nosso Senhor e á Nossa Mãe do Céu.»

Um aleijão

Joaquim Pouzadas e Catarina Morais, de Alter do Chão, em carta de 9 de Agosto diz que tendo uma filha de 3 anos com uma perna aleijada, tendo consultado muitos médicos, sem obter melhoras, e tendo até ido a Coimbra para ser operada, não tendo os médicos querido fazer-lhe a operação; tendo muita fé em Nossa Senhora do Rosário de Fátima, principiou a lavar a perna aleijada com água de Nossa Senhora de Fátima, e a pôr-lhe panos molhados na mesma água. Logo no outro dia a criança principiou a andar. Oferece o fio douro da sua filhinha a Nossa Senhora, em cumprimento do voto que fez, e em acção de graças por este grande milagre.

Urticária

Luiza Ricoca, de Ilhavo, de idade de 60 anos, sofrendo há 8 anos de urticária e tendo consultado vários médicos, alguns especialistas, sem resultado, recorreu a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, obtendo inesperadamente a sua cura.

Vem reconhecida agradecer.

Em maio de 1928 depois de ter reito a sua peregrinação, tendo já esquecido a sua doença uma sua filha ainda admirada chamou a sua atenção para o facto. Aconselhada pelo Dr. Luis Viegas teria de internar-se no Hospital para um tratamento especial se N. S. de Fátima não lhe concedesse a graça.

P.e Caetano Bernardo de Sousa, Pároco de Fajazinha — Flores — Açores — Concelho de Lages das Flores (27 de Maio de 1929) escreve:

«Glória, honra e louvor sejam dados para todo o sempre à excelsa Rainha do Céu, Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

É esta a pálida expressão que me acode aos lábios, ao ser testemunha de um facto miraculoso operado por Nossa Senhora por meio da água da fonte bem-dita de Fátima.

Há nesta freguesia uma donzela de 18 anos de idade, por nome Maria do Céu Avelar Mendonça, filha de José Jacinto de Avelar e de Maria do Céu Mendonça, que foi a miraculada.

Desde o mês de Setembro do ano passado (1928) que sofria de uma pertinaz doença que a retinha no leito.

Já tinha consultado a medicina que em nada lhe debelava a cruel doença que a minava dia a dia, pois não comia quasi nada, e por vezes sofria cólicas violentíssimas.

E' minha paroquiana, e conhecia bem o estado dela, o que posso afirmar com juramento, se tanto fôr necessário.

Por um feliz acontecimento, chegaram-lhe às mãos alguns números da *Voz da Fátima*, e tal esperança na SS.ma Virgem se apoderou dela, que pediu ao pai para ver se encontrava alguma gota de água santa de Fátima que operaria a sua cura. Para este fim, o pai cheio de fé, foi a uma outra freguesia, onde sabia que alguém tinha da dita água.

Com dificuldade o pai da miraculada arranhou uma pequena porção da água de N. S. da Fátima, na sexta feira do Pentecostes deste ano (1929) mas que a dita donzela não quis tomar sem previamente santificar a sua alma angélica com o sacramento da confissão, para o que fui chamado.

Animei-a à confiança na Mãe do Céu, aconselhando-a a fazer uma novena à Virgem Santíssima.

No sábado do Pentecostes ela sentiu uma grande cólica, talvez como nunca tinha sentido desde que estava doente.

Domingo de Pentecostes, logo de manhã levantou-se da cama exclamando — estou curada!

E realmente está curada.

Antes não podia suster-se de pé senão amparada a duas pessoas, e levantou-se nesse dia só, andando perfeitamente e todos os dias vai à igreja paroquial receber a Santa Comunhão.

Já come com apetite, o que não tinha até então e anda com tal agilidade que assombra todas as pessoas que observaram a sua doença, e com enorme alegria diz que nunca se sentiu tão robusta como agora.

Em sinal do seu reconhecimento a N. Senhora de Fátima, envia 40\$00 que vão junto a este pedindo a *Voz da Fátima* e também eu mando 20\$00 para a *Voz da Fátima* que desejo receber.

Junto envio as direcções.

Desejo que V... faça publicar este milagre na *Voz da Fátima*, para glória da Santíssima Virgem que aqui nesta pequena ilha no meio do oceano, e a mais ocidental do território português, não esquece os Seus filhos que n'ela confiam».

O poder do Rosário

Daniel O' Connel, o Libertador da Irlanda, era tão devoto da Santíssima Virgem, que em certa ocasião em que ia pronunciar um discurso referente à admissão dos Irlandeses no Parlamento Britânico fez um entusiástico elogio da Mãe de Deus em presença de 100.000 ouvintes, católicos e protestantes, que o escutavam com respeitosa atenção.

Depois, quando se discutia na Câmara a sua proposição pelos mais eloquentes oradores, naqueles solenes momentos em que se tratava da liberdade da Irlanda, O'Connel sentado a um canto rezava o Rosário em honra d'Aquella que havia vencido todas as heresias e que naquela ocasião ouviu as suas súplicas, conseguindo que os irlandeses fossem admitidos no Parlamento.

Teresa Neumann

Talvez muitos dos nossos leitores não tenham ainda ouvido falar de Teresa Neumann, aquela rapariga que, como S. Francisco de Assis, tem nas mãos, nos pés, no lado, as chagas da Paixão como se ela tivesse sido crucificada, mas, além disso, vê-a, ouve o que se diz, sabe o que pensa cada uma das pessoas que assistiu à Paixão de Nosso Senhor. Mais do que isso: sente-a, sofre com o se ela mesma estivesse a experimentar todos aqueles transe dolorosos.

Fez 31 anos em abril e é natural de Konnersreuth, na Baviera, onde vive com seus pais. É uma rapariga simples, retraída, sem pretensões, tendo vivido entregue aos trabalhos do campo.

Chamam-lhe por lá a *Teresinha* e na verdade ela é bem devota de outra Teresinha, a santa Teresinha do Menino Jesus, cuja protecção tem sentido muitas vezes.

Há anos que não come nem bebe, e apesar disso, se diminui de peso nas sextas feiras, volta depois ao seu estado normal.

Em maio tivemos a satisfação de ver em Fátima o seu compatriota Dr. Luis Fischer, que por várias vezes a visitou e assistiu aos seus extases.

Já depois disso esteve com ela o Rev. P.e Matos Soares (e outro Rev.do Sacerdote) do Porto. Eis aqui alguma coisa do que a este respeito tem escrito nas *Notividades*:

«Do meio dia à 1 hora Teresa Neumann vê tudo o que se passou no Calvário, desde que o Salvador lá chegou até que morreu pregado na Cruz. Durante toda esta hora, a estigmatizada permanece numa posição que nenhuma pessoa poderia normalmente suportar.

Esta é a parte do êxtase mais impressionante, é aquela em que Teresa mais sofre. Entrámos, poucos minutos depois do meio dia. A comoção apodera-se de todos, perante o espectáculo que se desenrola aos nossos olhos.

O sangue tinha alastrado mais pelo rosto, as manchas vermelho-escuras do lenço e da camisa tinham aumentado em número e em superfície, os olhos quasi desapareciam sob duas verdadeiras pastas de sangue. E' pena não terem ainda permitido tirar-lhe uma fotografia neste estado, para os leitores fazerem uma pequena ideia da realidade.

Quando chegámos, Teresa contemplava horrorizada a crueldade com que os soldados tiravam os vestidos a Jesus. Em seguida viu estendê-lo sobre a Cruz, e pegar nos cravos para O pregarem. Nesta ocasião poucos assistentes puderam conter as lágrimas.

A cada pancada que ela via dar sobre os cravos, contraía as mãos ou os pés, segundo o lugar em que os cravos eram pregados. Estas contracções eram acompanhadas dum sofrimento tão intenso e sereno, que, espontaneamente, nos vinha à lembrança o que o Evangelho diz sobre a resignação de Jesus no alto do Calvário.

Pouco depois, Teresa começou a seguir com os olhos alguma coisa que se ia levantando. — Assiste, explicou o P.e Naber, ao levantar da Cruz.

Daqui por diante olhava para um lado e para o outro, segundo vê fazer ao Salvador. Primeiro volta-se para a esquerda, na atitude de quem ouve, com admiração, alguém a falar. Estava ouvindo as primeiras palavras que Cristo pronunciou sobre a Cruz, tendo o rosto voltado para a sua direita, a contemplar o povo que o ultrajava: *Pai, perdoai-lhes, não sabem o que fazem.*

Deve notar-se que Teresa vê Jesus voltado para ela, e por isso o lado direito de um corresponde ao esquerdo do outro, e vice-versa.

Pouco depois, a vidente ágita a mão esquerda num gesto indignado, ao ouvir as blasfêmias do mau ladrão. Repete o mesmo gesto, olhando para baixo, e abanando um pouco a cabeça, como que a pedir encarecidamente que não procedam de tal modo. Neste momento via o povo a escarnecer e a ultrajar Jesus.

Em seguida o seu rosto adquire um tom de serenidade, como se alguma coisa de consolador se estivesse passando. — Teresa, disse o P.e Naber, assiste neste momento ao diálogo entre Jesus e o bom ladrão.

Os seus olhos voltam-se ora para um ora para outro, não querendo perder nada daquela scena consoladora, passada no meio de tantas torturas. E, quando ouviu as palavras: *Hoje mesmo estarás comigo no paraíso, voltou-se para o lado*

direito do Salvador, na atitude de quem queria ver a impressão agradável que elas deviam causar naquele criminoso arrependido.

Depois disto, Teresa assistiu à scena tocante que se deu entre Jesus, sua Mãe e S. João. Jámais esquecerei o quanto me impressionou a expressão do seu rosto ensanguentado, ao contemplar esta passagem tão comovedora da Paixão. Levantou um pouco os olhos e as mãos, e ficou serena a ouvir. O P.e Naber explica: — Está ouvindo as palavras dirigidas por Jesus a sua Mãe: *Eis aí o teu filho.* — Agora, continuou elle, vai olhar para Maria Santíssima. E olhou, manifestando, dum modo indescriptível, a maior ternura e compaixão pela Mãe de Deus.

Passados momentos, dirige o olhar para um pouco mais longe. — Está olhando, diz o P.e Naber, para S. João, e ouvindo as palavras do Salvador: *Eis aí a tua mãe.*

Em seguida segue com o olhar alguém que se aproxima. E' S. João, que vai para junto de Maria Santíssima, depois de Jesus lha ter confiado. O mesmo Apóstolo o disse no seu Evangelho: E desde aquela hora o discípulo tomou-a consigo.

E' a própria Teresa Neumann que descreve ao P.e Naber e outros, com todos estes pormenores, o que vê e ouve durante os êxtases.

Acabávamos de assistir à parte mais impressionante dos acontecimentos de Konnersreuth.

O Pároco, com toda a amabilidade, pediu aos presentes que dessem a vez ao último grupo. Assim o fizemos.

Ao sair a porta do quarto, ainda lancei um último olhar para aquele quadro de sangue, que tanto ao vivo me tinha feito ver o que Jesus sofreu por nós».

Não é caso único na história da Igreja de que citaremos, como mais conhecidos, Catarina Emerik e Santa Lydwina.

Relativamente a um caso também de agora, recortamos da *União*, do Rio de Janeiro, de 3 de outubro último, o seguinte:

«A Madre Superiora (do Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, de Campinas) mostrou-nos então, abrindo o embrulho, diversos lenços maculados pelo sangue vertido pela estigmatizada (Irmã Amália) nos momentos de êxtases. Vimos nos panos várias impressões deixadas pelo sangue. Bem visível e nitidamente está desenhada em um deles a corça de estíptinos, em outros os cravos, a cruz e placas de sangue.

Disse-nos mais a Madre Vilac que, em um dos êxtases, por ocasião de um dia em que se comemorava a paixão de N. Senhor, Soror Amália, tendo derramado lágrimas de compaixão à vista dos sofrimentos de Jesus Crucificado, essas deixaram impresso no crucifixo sobre o qual chorava a irmã, o desenho do mapa do Brasil.

A irmã que só tem os estudos da escola primária, nos êxtases dita proposições admiráveis de teologia e de amor ardente a Jesus Crucificado.

Em todas as aparições o Senhor, cheio de tristeza, se lamenta do abandono em que a ingratitude dos homens, seus filhos o deixam.

«Tenho sede de almas» — repete amiudadamente amargurado.

Despedimo-nos do Instituto gratas pelo acolhimento a nós dispensado. De nossas visitas trouxemos doces recordações».

Distância... Infinita

«Não há distância comparável à que existe entre uma mulher piedosa, que de joelhos em terra e mãos juntas deante do peito e os olhos amorosamente postos no céu, ressa humilde e confiada uma fervorosa oração, e um homem que está de pé a seu lado, que estupidamente a contempla e compassivo se sorrir do que elle chama fanatismo. Aqueles corações distam como o céu e a terra, como o amor e ódio. A vida tem para eles perspectivas contrárias: a prosperidade por elle tão desejada pois que com o seu bem estar estimula o seu orgulho, vaidade e egoísmo, a vê ela com temor, como pequena satisfação e gosto, concedido a quem está condenado à morte. A desgraça que para elle só traz dóres, moléstias e penas, que elle blasfemando com desesperação maldiz, traz para ela Deus entre as suas pregas, e o bem-diz na tortura e humildemente o adora.

Que há de comum entre estas duas almas?

E' admirável como é diferente a visão da vida conforme se vê com olhos crentes ou não crentes.

Num passeio ao campo

Boa tarde, minha senhora.

Adeus Sr.^a Ester.

A Sr.^a vai dar o seu passeio do costume, não é verdade?

Vou, sim, Sr.^a Ester, para ver se volto aliviada da minha crónica dor de cabeça.

—Deve custar muito andar sempre mal da cabeça que é o «regulamento do corpo todo.»

—Custa bastante, é certo.

Já tem ido a Fátima tantas vezes e veio a ir para a Missa mesmo de semana, e Nossa Senhora, que tantos milagres tem feito, não a cura?!

Não se admira que a Virgem de Fátima me não atenda a mim, que só me confessei e comunguei uma vez na vida — quando era criança — e nunca vou à igreja senão quando se casa lá alguém da minha rua, para ir ver o acompanhamento.

Mas a Sr.^a e outras que andam sempre metidas nas igrejas deviam ser ouvidas, acho eu cá na minha.

—Sem querer mostrar que me tenho em conta de boa — Nosso Senhor é que lê nos corações e sabe quem é melhor — sempre lhe direi que acho uma certa lógica no seu modo de discorrer, visto que não tem senão uma leve sombra de educação religiosa, recebida há muitos anos! As pessoas crentes, por índole, por educação e por convicção pensam de modo bem diferente!

Tenho tanta fé, como se milagres tivesse alcançado da Virgem de Fátima, que é a de Lourdes e de todos os títulos, como sabe, porque a Mãe de Deus é uma só.

Sei que Nossa Senhora veio aparecer em Fátima, mais para curar as almas do que os corpos, e por isso nem sequer me admiro se ela cura mesmo os ateus e não despacha os pedidos dos crentes.

O que Ela quer é converter os incrédulos, mover os corações dos indiferentes e afervorar os tibios.

A vida são dois dias e todos temos de ter uma cruz porque sem cruz ninguém se santifica.

Se Jesus Cristo sofreu mais do que ninguém, sem ter sombra de imperfeição, e só para nos salvar, como queremos nós, pobres pecadores, alcançar o Céu sem sofrer e sem cumprir as leis da igreja?!

Devemos pedir sempre a Nosso Senhor que nos dê a resignação cristã e conformidade com a sua divina vontade, se saúde nos não quiser dar!

Há muita gente que nunca se lembraria de Deus, se tivesse sempre saúde e tudo lhe corresse à vontade. A dor é que desperta e chama as almas ao caminho do Céu.

Concorda, Sr.^a Ester?

— Sim, minha senhora, vou entendendo que tem razão.

Trabalha-se tanto para o corpo, que em pouco tempo pode ser transformado em podridão, cinza e nada, e da alma, que será eterna, como Deus, quer esteja na glória ou em penas, quasi se não pensa!!

Nossa Senhora de Fátima converta os pecadores, salve os moribundos e alivie as almas do Purgatório.

Foi para bem das almas que Ela se dignou vir pousar sobre os ramos da azinheira de Fátima; e se cura os corpos é para atrair as almas transviadas.

—Adeus, minha senhora, e obrigado pelas explicações que me deu.

— Nada tem que agradecer, Sr.^a Ester, e fico sempre ao seu dispor, se quiser tornar a vir conversar comigo.

R.

Necessidade do Purgatório e sua espantosa natureza

«...No que diz respeito a Deus, eu vejo que o Paraíso não tem portas e que, quem quiser, pode ali entrar porque Deus é todo misericórdia e os seus braços estão sempre abertos para nos receber na glória; mas a divina Essência é tão pura — infinitamente mais pura do que possamos imaginar — que a alma, encontrando em si mesma a mais leve imperfeição, se lançaria por si mesma em mil infernos antes que aparecer manchada na presença da divina Magestade. Sabendo então que o Purgatório foi feito para a purificação, ela lá se precipita por si mesma e ali encontra esta grande misericórdia: a destruição das suas faltas.

O espírito não pode conceber nem nenhuma língua pode exprimir a grande importância do Purgatório. Somente sei

que as suas penas são tão grandes como as do inferno. Vejo, porém, também que uma alma manchada da mais leve falta, recebendo esta misericórdia, conta por nada as suas penas em vista da esperança da alegria do seu amor.

Eu sei que o maior sofrimento d'essas almas é ver em si o que desagrada a Deus e descobrir que, apesar da sua bondade, elas o consentiram.

E isto é assim porque, estando em estado de graça, vêem a realidade e importância dos impedimentos que lhes não permitem aproximar-se d'Ele.» (Do tratado do Purgatório, de Santa Catarina de Genova)

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	182.774\$90
Papel, composição e impressão do n.º 86 (53.550 exemplares)	3.034\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	847\$40

186.856\$30

Subscrição

(Maio de 1928)

Joaquim Cardoso Pinto da Cunha, 12\$50; D. Maria José Ferreira Paulino, 188\$00; Monsenhor Carlos Costa, 100\$00; Alfredo de Matos Viegas, 50\$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 50\$90; Carlos Vitoriano, 180\$00; P.e Manuel Rodrigues de Carvalho, 178\$50; Zulmira Galhardo, 69\$00; P.e Antonio Joaquim Figueira, 200\$00; Maria das Dóres Tavares de Souza, 40\$00; Maria S. Guedes Coutinho, de Loanda, 100\$00; P.e Francisco Lucas Pacheco, 60\$00.

Enviaram dez escudos para terem o direito de receber o jornal durante um ano: Virgínia Carrilho, Beatriz Rodrigues Lares Paulo, José Miranda Filipe, Adelaide C. Ferreira, Domingos Maria Monteiro (20\$00), Joaquim Cunha, Joaquim Feliciano, Zulmira Teles, Viscondessa de Montedor (20\$00), Antónia Malafá, Visconde de Cortegaça, Avelino José Cerqueira Marques, Joaquim Cardoso da Silva, Rosa da Costa Maciel Gonçalves, Manuel de Passos Martins, Dr. Trindade Leitão, P.e António Martins Carneiro, José da Rocha Paíñas (20\$00), Manuel Barros de Carvalho, Domingos Martins Pimento, Cecília Parente Ferreira, Olívia Parente Ferreira, José Rodrigues, António Fernandes Reguengo, José Cândido G. de Carvalho, Albino de Lima, Raimunda Almeida Alves, Vitorino Afonso, Dr. António Carteador Monteiro, P.e Manuel Fernandes Lopes, D. Alda Gonçalves Valença, Joana Dantas Viana, P.e António Gomes da Costa Pereira, P.e José António Correia, P.e Domingos Amorim, D. Carolina Rosa das Dóres Cruz, Laura da Conceição Gonçalves, Margarida Branco Cerqueira, Maria Angelina Torres Lima, António F. de Melo Guimarães (15\$00), Leopoldina Rocha, Raquel Diniz Serradela, Agostinho Tomaz Correia, Rosa de Almeida, António Simões dos Santos, José Mendes Sequeira, Maria da Anunciação do Vale Santos, Armando S. Luís de Pinto, Matilde da Cunha Xavier (27\$00), Luisa Freitas Henriques Reis, Francisca Faria, Angelina Moreira, Maria Olinda Machado Pereira, Manuel Rocha Melo, P.e António Moreira de Carvalho, Condessa de Cuba, Gertrudes Rosário Santos, Arminda de Almeida Ribas, Madame Vallin, Francisca de Vasconcelos Santos (15\$00), Maria da Conceição Maldonado Pereira (15\$00), Maria da Purificação Godinho, Custódia da Silva, Emídio Pereira Sena (15\$00), Vicência Cândida Abílio (20\$00), Jorge M. Santos, Etelvina Torres da Costa (12\$50), António Guedes, Bento Serra Moreira, Joaquina Rodrigues Páris, Rita Mana Maria da Graça Gouveia, Maria de Jesus Cruz, Maria Martins (12\$50), Adriano José Vaz, Anibal Abreu Carrilho, Francisca da Conceição Raposo, Clara Delfina Bettencourt, César Gomes de Oliveira, Eduardo Gomes de Oliveira, João Evangelista Gonçalves, Dr. Francisco Rodrigues da Cruz, Micaela Duarte Correia, Antónia das Dóres Almada, Almira das Dóres Fernandes (20\$00), José J. Neves (20\$00), Beatriz Monteiro Rodrigues, Eulália da Silva Freitas, Cristina Santos (25\$00), Vitória Sinde Pinto, Maria do Carmo Sinde, Laurinda Damaso Tavares, Lucinda Martinho, Ana Ferreira de Magalhães (50\$00),

Olinda Cândida Moreira, Francisca Romana, Sara Leal Oliveira, Paulo de Sousa, João Cardoso, Rosa de Sousa Ferreira, Manuel das Neves, Arminda Ribeiro Gaspar, Efigénia Antunes Canaria, P.e Joaquim Gomes da Costa e Silva (15\$00), Artur Soares Figueiredo, Domingos Figueiredo.

Esmolas e donativos vários: Joaquina da Conceição Duarte, 105\$00; Livraria Popular, da ilha da Madeira, 251\$30; Custódio Ferreira de Almeida, 50\$00; Duquesa de Palmela, 100\$00; Ana Joaquina da Silva Carvalho, 40\$00; P.e António Roliz, de Macau, 500\$00 Mário da Silva Jordão, residente na América do Norte, 5 dolares; Delfina Maria de Almeida, 80\$00; Maria Augusta Pereira Veiga, 115\$00; Maria Clementina Sequeira, 10\$00; P.e António Joaquim Ferreira, 100\$00; Maria do Carmo, 50\$00; Maria do Carmo Pires, 6\$20; Maria da Apresentação Gonçalves, 20\$00; Guilhermina Piedade Chaves, 172\$00; na igreja dos Fiéis de Deus, em Lisboa, 80\$00; P.e Henrique Vieira, 30\$00; Igreja da Misericórdia da Povoá de Varzim, 122\$00; Elisa Lourdes Mesquita, 20\$00; Rosa Soares Teixeira, 71\$00; Manuel Ribeiro Pontes, 67\$50; Maria Freitas, 5 dolares; João Custódio, 2 dolares; Maria Rita Vicente (curada de cancro no nariz), 2 libras.

Esmolas obtidas em varias Igrejas por ocasião da distribuição de jornais.

Na Igreja de S. Mamede pela Ex.ma Sr. D. N. R. no mez de Outubro de 1929, 10\$00; na Igreja de S. Tiago de Cezimbra pela Ex.ma Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, idem, 31\$00.

Três Avé-Marias

Nestes tempos em que tudo é eléctrico e todos parecem andar atacados de vertigens, pode haver quem ache longa a devoção do Terço (nem já falamos na recitação do Rosário completo!) tão abençoada pela Santíssima Virgem e querida das almas sinceramente piedosas, ou que realmente não tenha ocasião de o resar (há muito quem o rese pelos caminhos, de comboio, de automovel e até de...biciclete), vem mesmo a calhar uma devoção que Santa Matilde diz no seu livro da graça Especial, ter-lhe sido ensinada por Nossa Senhora: «Resar diariamente três Avé-Marias é meio seguro para obter a graça da perseverança, (quanta confiança não deve isto infundir áqueles que resam tantas e com tanta devoção!)»

S. Leonardo de Porto Maurício recomendava esta devoção de manhã e à noite para alcançar a graça de evitar todo o pecado mortal e prometia com certeza a salvação aos que nisto fossem constantes. Claro está que esta mesma constância é já uma graça especial que não obteria o que com monstruosa ingratidão quizesse abusar desta devoção para pecar com mais confiança.

Recomendava-a também muito o nosso Santo António de Lisboa e Santo Afonso Maria de Ligório que costumava da-la como penitência e exortava os paes que a ensinassem aos filhos.

Leão XIII concedeu 200 dias de indulgência aos que de manhã e à tarde rezassem as três Avé-Marias com a jaculatória: «Minha Mãe, livrai-nos hoje (ou nesta noite) do pecado mortal.»

Pio X concedeu 300 dias de indulgência aos que as resassem acrescentando a cada uma a seguinte jaculatória: «O' Maria, por Vossa Imaculada Conceição, purificai o meu corpo e santificai a minha alma.»

Temos presente uma grande relação de factos extraordinários, conversões repentinas quando humanamente tudo parecia impossível, por meio da devoção das três Avé-Marias.

Quem estas coisas escreve atribue a uma novena de três Avé-Marias, seguidas do *Lembra-vos...*, a cura de um sobrinho atacado de paralisia infantil, caso já contado na *Voz da Fátima*.

Ninguém deve estranhar que a formosa oração da Avé Maria seja assim tão eficaz.

«A Avé Maria (diz o B. Grignou de Monfort, resumindo a doutrina de muitos outros santos) é martelo que esmaga o demónio, é santificação da alma, alegria dos Anjos, melodia dos predestinados e glória da Santíssima Trindade. É osculo casto que se dá a Maria, rosa encarnada que se lhe apresenta, perola preciosa que se lhe oferece.

A Avé-Maria tem tais encantos que tudo a ela se submete e nem Deus irritado

lhe resiste; se a ouve rezar, de Juiz converte-se em Pai.»

Mas... porque não de ser três? Não seria melhor rezar cinco ou sete? E sobretudo não será preferível rezar o Rosário ou o Terço?

Sem duvida, mas é melhor ainda resar o terço e as três Avé-Marias.

Mas porque não de ser precisamente três? E porque assim agrada à Santíssima Virgem, em honra dos três privilégios com que a dotou cada uma das pessoas da Santíssima Trindade, comunicando-lhe o Pai o seu poder, o Filho a sua sabedoria e o Espírito Santo a sua misericórdia.

A alguém... (resposta)

Dizes que respeitas a Religião, mas dizes isto com os lábios e não com os factos. E é aqui que está todo o teu erro, pois vejo que não cuidas em praticá-la. Nada de missa nos dias santos de guarda... Nada de confissão e comunhão, nem mesmo pela Páscoa... Nada de vida cristã... Quer dizer tudo isto que não te importas com a Religião e que no teu coração a desprezas. Mas, então, como podes afirmar que a respeitas?... Mentas solenemente e é teu dever nunca mais repetir tal mentira, mesmo para não comprometeres a tua honra de homem leal...

A MENINA HILER...

Espera... Que é isto? — exclamou João Verchéne, sentindo debaixo do pé qualquer coisa que ia a pisar. E, mirando o chão: — Ora esta! Um têrço! Vejam lá! Um têrço!

E com efeito era um têrço. Simples, pequenino, bonitinho, *avé-marias* de oliveira, e *padre-nossos* de madrepérola.

Apesar do rapaz se admirar, não era coisa do outro mundo: encontrar um têrço no chão, ali ao pé da igreja da Madalena, quando, como de costume, ia *flanar* para as ruas de Paris...

Um objecto de piedade caído a alguém, quando entrava para a igreja... Nada mais simples.

Mas êle estava intrigado. Agitava o têrço em roda, mirava-o, remirava-o... — Mas de quem será tu? Para que quero eu isto?...

— Ah! Perdão, Sr. João Verchéne — retiniu alegre e fresca a voz duma rapariga loura, de rosto quasi escondido numa aconchegada pele de lontra. — Ia de olhos no chão, tão *abstrata*, a procurar o meu têrço, que nem sequer via V. Ex.ª

— O' minha menina! Peço perdão de a não ter cumprimentado. — Nem eu também via V. Ex.ª Mas... V. Ex.ª falava num têrço?

— Sim, perdi agora mesmo o meu têrço. Cafu-me, quando subia para a igreja. Felizmente dei logo pela falta, e vim procurá-lo. Tenho-o em muita estimação.

Não é pelo valor material; mas, como veio da Terra Santa, e é recordação dum tio missionário, que lá me faleceu...

— Pois eu acabo de achar um. Queira V. Ex.ª vêr se é este.

— Oh! Justamente! E' o meu. Ai! Quanto estimei encontrá-lo! O meu têrço!... Como hei-de agradecer a V. Ex.ª?

— Por quem é, minha menina! Sou muito feliz em ter podido assim casualmente restituir a V. Ex.ª essa estimada recordação.

E com um efusivo aperto de mão separaram-se igualmente satisfeitos.

Retomando o seu caminho, João mergulha o espirito em reflexões profundas. Tinha feito uma descoberta: Com que então a menina Hiler, que há duas semanas estava numa reunião da condessa de Perrier, e que êle achara uma perfeita mundana, era afinal uma menina piedosa?! Possível! Não compreendia.

Tal revelação transtornava tôdas as idéias do rapaz, destruindo-lhe a sua teoria: que uma senhora do mundo não têm nada a vêr com a religião; porque essas, a quem chamam piedosas, não têm elegância, nem graça, nem espirito.

Naquella tarde mesmo, para robustecer a sua tese, depois de tão violento abalo, falou dela numa roda de amigos.

— Mais devagar, amigo Verchéne.

— Repugna-me, mas confirmo o que disse: tôdas quantas conheço não são, mas é que nem podem ser...

— E a menina Hiler?

— Ah! mas essa... E é assim piedosa por aí fora? O que ela é... é uma menina admirável: bela, perfeita! Conhece o que lhe fica bem; sabe vestir-se. Conversa, canta, têm espirito, é linda... brilha num salão!

— Hah! Hah! Hah! Como és ingénua! Para ti a Hiler é uma perfeição! O que não queres dizer, meu menino, que ela não vá à comunhão todos os dias, não frequente o Curso de Religião se não dedique de alma, vida e coração às obras católicas. E olha que eu sei muito bem o que afirmo. Não é tão mundana como te parece. Veste à moda, mas é moda à moda dela. O decote é sempre discreto, e a saia modestamente comprida. Serão ninharias, mas...

— Ora! é uma rapariga distinta!

— E' mais alguma coisa que distinta. Notastes que é linda, e é. Pela minha mana mais nova, que se dá intimamente com ela, sei que é mesmo muito culta. Mas é culta precisamente porque não lê frivolidades. E o que é então admirável é admirares tu nela precisamente o que é o resultado da educação cristã!

Não convencido mas desorientado, João começou a matutar no caso...

Passados dois meses, numa bela noite o rapaz entrou na saleta onde a mamã se entretinha embebida na leitura.

— Boa noite, mamã! Venho fazer-lhe uma visita. — E, abraçando-a calmamente: — Venho dar-lhe uma notícia...

Madame Verchéne pousara o livro para receber os cumprimentos do filho. Fixou-o, e, animando-o com um doce sorriso:

— Então qual é? interrogou ela duvidando de que dali saísse coisa séria.

— Pois, mamã agora é certo.

— Tu? Assim já? Ninguém se case à pressa...

— E eu que julgava dar-lhe uma notícia tão alegre!...

— E é, — respondeu ela vivamente — e é. Mas... conta, conta lá.

— Eu sei muito bem o que preocupa a mamã; é *mesmo com essa*...

— Pois não! — comentou madame Verchéne irónicamente. E, recostando-se na cadeira para fixar melhor o filho, continuou:

— Falas sério, João?

— A sério, mamã; o mais a sério, que é possível.

— E' que eu não compreendo: Susana Hiler é a rapariga mais piedosa que eu conheço. E, como sei dos teus preconceitos, não percebo como te resolves a escolhê-la. Quando me lembro que deixaste de frequentar a casa da tia de Saint-Bont por ser religiosa — por sinal bem moderada! — e tinhas medo de que ela se metesse a escolher-te noiva, francamente não compreendo.

— Ah! — exclamou João alegremente. Não esperava que a mamã se admirasse tanto!

— O' meu filho, atalhou madame Verchéne, a tua escolha alegra-me. A menina Hiler? E' uma bela rapariga. E' a noiva de que precisa o teu coração. Mas que mudança foi esta?

— Foi muito simples, mamã: Encontrei-a em casa de madame Perrier, que frequento há dois meses. E pude estudar ali uma alma cristã a valer. E comecei a pensar que a minha felicidade não podia estar melhor garantida do que nas mãos duma tal rapariga na qual a piedade tornava mais brilhante os seus encantos. Porque uma mulher piedosa não é nada absolutamente nada do que eu imaginava. A idea que eu fazia era inteiramente falsa. E parece-me mesmo que nem a mamã calcula ao certo o que isso seja...

— Talvez. Mas tu bem sabes que eu nunca antipatizei, como tu, com as pessoas piedosas.

— Não, bem sei. Mas eu supunha que uma menina religiosa não tinha gosto. Agora sei que é o contrário. A mulher cristã, duma fé esclarecida, não tem na sua fé obstáculo ao desenvolvimento da sua inteligência. A graça exterior, os encantos do espirito aliam-se perfeitamente às qualidades profundas da alma e do coração. Vi isto tudo, e senti-me *conquistado* por Susana...

Não sei se se lhe diga, concluiu o rapaz, que devo, mamã, a minha felicidade ao encontro fortuito dum têrço no chão ali ao pé da Igreja da Madalena. Tem uma história, que a minha noiva e eu um dia lhe havemos de contar, minha querida mamã...

Do Legionário